

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

Traditional educational approach: a reading from “another brick in the wall” by Pink Floyd

Ana Sara Castaman

Karina Franco

Priscilla Christina Franco

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS
Sertão- Rio Grande do Sul-Brasil

Resumo

Este trabalho objetiva conhecer o contexto social e as manifestações concretas dos anos 1960 e 1970, a fim de analisar como ele dialogava com seu tempo, bem como refletir criticamente sobre os motivos pelos quais Another brick in the wall permanece carregada de sentido na atualidade. A metodologia empregada pautou-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, a partir da técnica bibliográfica narrativa. Apresenta a seguinte estrutura: a) contextualiza histórica e politicamente a conjuntura de elaboração da composição em tela neste estudo; b) analisa os parâmetros poéticos da letra da música da Banda Pink Floyd, para fundamentar a abordagem tradicional de ensino. Conclui-se que a poética musical revela traços comportamentais dos indivíduos de seu tempo. Ainda, retrata aspectos da abordagem do processo de ensino e aprendizagem tradicional, a qual se reedita por outros vieses na atualidade.

Palavras-chave: Pink Floyd; Abordagem tradicional; Educação.

Abstract

This work aims to know the social context and the concrete manifestations of the 1960s and 1970s, in order to analyze how he dialogued with his time, as well as to critically reflect on the reasons why Another brick in the wall remains loaded with meaning today. The methodology used was based on a qualitative research, based on the narrative bibliographic technique. It presents the following structure: a) it contextually and politically contextualizes the conjuncture of the composition on screen in this study; b) analyzes the poetic parameters of the lyrics of Banda Pink Floyd's music, to support the traditional teaching approach. It is concluded that musical poetics reveals behavioral traits of individuals of their time. Still, it portrays aspects of the approach to the traditional teaching and learning process, which is reissued by other biases today.

Keywords: Pink Floyd; Traditional approach; Education.

1 Introdução

Atualmente, a cultura transformou-se em mercadoria, contudo é o seu valor social que a diferencia dos demais produtos. O produto cultural tem seu valor social reproduzido ao longo do tempo (SILVA, 2008). Assim, para além da lógica de consumo e mercado, o produto cultural necessita conectar-se com as pessoas, mais do que isso, constituir uma identidade. Para Bauman (2005), a identidade constrói-se em referência aos vínculos estáveis firmados entre as pessoas, ela “[...] de modo geral [...], se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas [...]” (GIDDENS, 2005, p. 43).

Neste caso, a identidade cultural, de produtos culturais como a música, pode ser reconhecida “[...] como algo que vai além de descendências e que mistura-se [SIC] aos costumes locais, aos padrões de comportamento, época e que tem grande influência sobre as pessoas, suas ações, atitudes e interpretações de acontecimentos” (MOURA, 2007, p. 03). No que concerne à música, observa-se que nas décadas de 1960 e 1970 um dos estilos musicais predominantes foi o rock. Logo, a conjuntura social, cultural, política e econômica inspirou a elaboração dos arranjos e composições musicais, denegando o sistema vigente na época. A banda Pink Floyd, foi uma das vanguardistas do estilo musical nomeado por rock progressivo e conceitual, ainda que se pautasse na psicodelia, o que se distinguia nas obras, melodias e capas dos discos.

Em virtude das críticas sociais e da abordagem das dimensões intrínsecas do ser humano, as gravações publicadas do grupo tornaram-se clássicos do *rock-and-roll*. O álbum *The Wall*ⁱ, difundido em 1979, foi o 11º da banda e lançou a música *Another brick in the wall*ⁱⁱ, que surpreende por ser um produto cultural que influencia inúmeras gerações.

Os diálogos que a obra do Pink Floyd estabelece com diversas questões contemporâneas, através de seu componente lírico e musical, funcionam tanto como uma resenha da sociedade, bem como agente de mudança e contestação de estruturas estabelecidas. Isto posto, ao ouvir as músicas, é preferível considerar o tom político nelas presente. Os temas dos discos, portanto, mantêm-se relevantes para a contemporaneidade, pois analisam sistemas que ainda se mostram hegemônicos, como o capitalismo ou ainda a dificuldade do homem em vencer as próprias limitações na busca por uma sociedade mais igualitária (SILVA, 2018, p. 19).

Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo conhecer o contexto social e as manifestações concretas dos anos 1960 e 1970, a fim de analisar como ele dialogava com

seu tempo, bem como refletir criticamente sobre os motivos pelos quais *Another brick in the wall* permanece carregada de sentido na atualidade. Meurer (2009, p. 22) reforça: "[...] um fenômeno individual só encontra repercussão social se houver condições para isso, e, para compreender esse fenômeno, é preciso observar a situação histórica dentro da qual ele surge e se desenvolve".

A metodologia empregada pautou-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, de objetivos exploratórios e descritivos. Também utilizou-se da técnica bibliográfica narrativa, a partir de obras de autores e comentadores que examinam a conjuntura histórica em que a letra da música *Another brick in the wall* foi produzida. Este ensaio apresenta uma estrutura que pode ser assim descrita: a) traça os caminhos metodológicos percorridos; b) contextualiza histórica e politicamente a conjuntura de elaboração da composição em tela neste estudo; c) analisa os parâmetros poéticos da letra da música da Banda Pink Floyd, para fundamentar a abordagem tradicional de ensino; d) apresenta as considerações finais.

2 Metodologia

A presente investigação caracteriza-se pela abordagem qualitativa. André (1995, p. 17) conceitua essa abordagem:

Naturalística ou naturalista porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Para tanto, os objetivos desta produção científica classificaram-se como exploratório e descritivo. Exploratório, na tentativa de se obter uma "[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses" (GIL, 2002, p. 41) e, descritivo na exposição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis e definindo sua natureza (VERGARA, 2000).

Ainda, utilizou-se da técnica bibliográfica narrativa, realizada a partir de livros, artigos científicos, dissertações e teses, que possibilitam o aprofundamento e entendimento do contexto social, cultural, educacional, político e econômico dos anos 1960 e 1970 em relação ao Pink Floyd, especialmente a música *Another brick in the wall*, bem como a reflexão sobre

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

sua impressionante atualidade. Gil (2008) apresenta considerações acerca da pesquisa bibliográfica, a qual é:

[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2008, p. 50).

Assim, para abordar o contexto histórico dos anos 60 e 70, ancora-se em Treece (2000), Scowen (2003), Bandeira (2006), Goffman e Joy (2007), Meurer (2009), Marinho (2010), Reisch (2010), Hobsbawn (2013), Marcolin (2017) e Silva (2018). Para entender os parâmetros poéticos da letra da música *Another brick in the wall* pauta-se em Dewey (1967), Charlot (1976), Aebli (1978), Libâneo (1982, 2008), Bordenave (1984), Mizukami (1986), Snyders (1988), Luckesi (1999), Laval (2004), Nascimento (2009), Detmer (2010), Freire (2010), Gonçalves Filho (2010), Reisch (2010), Weinstein (2010), Moran (2012), Loureiro (2013), Sancovschi e Kastrup (2013), Enzweiler (2017), Marcolin (2017) e Momm (2020).

Destaca-se que a análise dos dados ocorreu pela análise de conteúdo (BARDIN, 2016), incidindo em três (03) etapas: a) leitura flutuante do conteúdo registrado, verificando a presença de pontos de vistas que se repetiam por meio de vocábulos com o mesmo sentido; b) exploração do material, agrupando as respostas que continham ideias semelhantes, procedendo-se à codificação de unidades de registro em categorias de análise; c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação registrados nas categorias centrais e confrontadas com a teoria, quais sejam: o contexto histórico dos anos 60 e 70 e as considerações sobre a escola tradicional a partir da letra *Another brick in the wall*. Ainda, ressalta-se que os trechos da música serão mantidos no texto no formato original e traduzidos no rodapé.

3 Conjuntura histórica dos anos 60 e 70

Conforme verifica-se na parte introdutória deste estudo, todo produto cultural traduz uma mediação da sociedade e da concretude vivenciada pelos indivíduos no mundo da vida (MEURER, 2009). Desta forma, contextualiza-se e analisa-se os revolucionários anos de 1960, que foram balizados pelo entusiasmo cultural e pela “[...] nova autonomia da juventude como uma camada social” (HOBSBAWM, 2013, p. 318), bem como os anos de 1970 que serviram de lastro para a composição e o lançamento do Álbum *The Wall*, berço da

música *Another Brick In The Wall*, da banda Pink Floyd. Elegeu-se esta letra, pois trata-se de uma canção popular de muitos significados e que ressona até a atualidade. Treece (2000, p. 128) realça que:

[...] a canção popular é claramente muito mais do que um texto ou uma mensagem ideológica [...] ela também é performance de sons organizados, incluindo aí a linguagem vocalizada. O poder significativo e comunicativo desses sons só é percebido como um processo social na medida em que o ato performático é capaz de articular e engajar uma comunidade de músicos e ouvintes numa forma de comunicação social.

Constata-se na década de 60 que os jovens de senso crítico percebiam-se confiantes, destemidos e perseverantes no enfrentamento por seus ideais e sua liberdade de escolha, características estas de um grupo que não presenciou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Possuíam mais autonomia, em virtude do emprego em turno integral, o que lhes permitia o poder de compra; possuíam um ideal de paz, amor e aversão aos conflitos armados. O rock era o grito de revolta e a expressão cultural de uma geração, que ficou conhecida no mundo inteiro por alterar os costumes da época e mostrar o engajamento e a politização na luta pela transformação social (MARCOLIN, 2017). Hobsbawm (2013) nomeia como o grande “boom adolescente”, quando a juventude passou a circular em áreas comerciais em aglomerados houve a possibilidade de mensurar o poder econômico “[...] desses jovens pelas vendas de discos nos EUA, que subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões em 1959, e 2 bilhões em 1973” (HOBBSAWM, 2013, p. 321).

É nesse momento épico, na metade dos anos 60, que se origina a contracultura, um movimento sociocultural com o propósito de transformação da consciência, dos valores e do comportamento do indivíduo (GOFFMAN; JOY, 2007). Muitos apoiadores dessa corrente eram qualificados como *hippies*, homens e mulheres que contrariavam os padrões, preceitos e paradigmas predominantes estabelecidos pelo/no social. Mobilizaram-se por uma vida pacífica, afastada da sociedade do consumo e moralismo. Na miríade deste contexto, emerge a psicodelia e o *Lysergsäurediethylami*ⁱⁱⁱ (LSD) como possibilidade de expansão da consciência (MARCOLIN, 2017).

Em 1963, os Estados Unidos perdeu o seu presidente, John Fitzgerald Kennedy (1961-1963), vítima de assassinato, o que impactou a nação. O país passou a ser regido pelo vice

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

Lyndon Baines Johnson (1963-1969), um homem considerado autoritário, pois fomentou a Guerra do Vietnã (1959-1975) quando enviou para a região, em 1963, 16.000 soldados e 550.000 em 1968. Os opositores e estudantes ficaram revoltados com o fato e protestaram contra a batalha, ateando fogo em seus cartões de recrutamento e em um coral de vozes clamaram o slogan: *Hey, hey, LBJ, how many kids did you kill today?*^{iv} (MARCOLIN, 2017). A juventude desvelou-se paulatinamente mais cidadã e comprometida politicamente:

[...] como exemplo, a oposição à Guerra Fria, desarmamento nuclear, emancipação feminista, anti-racista, amor livre, esoterismo aliado à busca pela espiritualidade, expressão artística e uso de drogas. De modo geral, havia uma atmosfera de contestação às autoridades e ao *status quo* (SILVA, 2018, p. 16).

Neste período (metade dos anos 1960), Londres havia estabilizado a economia e moral prejudicadas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, no cenário artístico, desponta um novo subgênero do rock: o psicodélico. O estilo experimental teve como inspiração a música indiana. A banda Pink Floyd surge na capital britânica, em 1965, em meio ao panorama do jovem como nova camada social e dono de si, dos movimentos culturais e sociais apresentando essa geração mais engajada e politizada, do rock como expressão cultural e da sua transição para o psicodélico. O rock psicodélico, até então, era o estilo musical do Pink Floyd. Por meio do desenvolvimento tecnológico, a distorção eletrônica era um atributo que distinguia o rock psicodélico e as melodias do Pink Floyd, compostas com guitarras, órgãos, cravos (instrumentos musicais de teclas) e instrumentos indianos, como a cítara (MARCOLIN, 2017).

O Pink Floyd surgiu em Londres, em 1965, com os amigos Roger Keith “Syd” Barrett (guitarra e vocal), George Roger Waters (contrabaixo e vocal), Richard “Rick” Wright (teclado, órgãos, piano e sintetizadores) e Nicholas “Nick” Mason (bateria). Todos os membros originais eram remanescentes de outros grupos de rock, majoritariamente estudantes de Artes e Arquitetura de Cambridge. A banda era então liderada por Barrett, que compunha as músicas e as letras, ambas com forte característica experimental e psicodélica. As longas peças que, quando apresentadas ao vivo, eram acompanhadas por um aparato de luz e projeções ainda amadoras, mas já consideradas vanguardistas para a época (SILVA, 2018, p. 15).

Durante este momento de transição surgiu o *Swinging London*^v, efervescência cultural e arrojada que estreou o modernismo dos costumes e novo olhar desde a música até a moda. O pensamento crítico, descolado e vibrante revolucionou a música lançando

artistas, tais como: The Beatles, The Rolling Stones, The Who e The Kinks. Nas telas, o cinema inglês inovou a arte a partir de cineastas como Tony Richardson, Richard Lester e Lindsay Anderson. Na moda, a estilista Mary Quant rompeu com tabus, inaugurando a minissaia. Estas tendências londrinas logo foram estendidas ao restante dos países (MARCOLIN, 2017).

Outros eventos relevantes do período ocorreram em 1968. O intitulado “Movimento de Maio”, na França, caracterizou-se por uma série de conflitos entre estudantes que defendiam a reforma no setor educacional e autoridades repressoras da Universidade de Paris, em Nantarre. No dia 2 de maio, a escola optou por fechar as portas e ameaçou banir os líderes do movimento vinculados ao educandário. Este comportamento coercitivo causou uma revolta ainda maior nos alunos de uma das instituições de ensino superior mais respeitadas do mundo, a Sorbonne, em Paris. Os distintos acadêmicos saíram pelas ruas para protestar com o líder estudantil Daniel Cohn Bendit, entretanto foram tolhidos pela polícia. Esse contexto gerou uma reação em cadeia e fez com que o Partido Comunista Francês apoiasse os estudantes. Foi nessa linha progressista que operários se encorajaram e se juntaram aos jovens para lutarem pelos seus direitos trabalhistas (MARCOLIN, 2017).

Cerca de nove milhões de pessoas uniram-se para fomentar, planejar e executar a maior greve geral da Europa: quase dois terços dos trabalhadores cruzaram os braços, sendo amparados pela federação de sindicatos. Estes convocaram uma parada unificada para o dia 13 de maio de 1968. Foram tantas paralisações que em Liverpool até os coveiros resolveram cruzar os braços e corpos de muitos falecidos não foram enterrados, fazendo com que as autoridades pensassem em jogá-los ao mar. Em Londres, as ruas estavam ocupadas por lixos por causa da greve dos garis. Era o pensamento coletivo que primava frente à luta de várias classes sociais e grupos étnicos com a mesma finalidade: tornar o mundo um lugar mais justo e melhor para se viver (MARCOLIN, 2017).

Posteriormente, na década de 1970, estas razões foram esquecidas, e inicia a “Era do individualismo”, momento em que um mundo capitalista se desenvolvia (HOBBSAWM, 2013). O espírito coletivo da contracultura perdeu sua força ao passo em que a crise do petróleo conduziu os Estados Unidos, o Brasil, a Suécia e o Reino Unido à recessão. O mercado internacional desestabilizou-se mediante a subida vertiginosa dos preços do petróleo (MARINHO, 2010).

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

Bandeira (2006, p. 309) reforça que “[...] ao mesmo tempo em que, nos anos 70, profunda mudança se operava na estrutura econômica mundial, importantes acontecimentos políticos também começaram a transformar o cenário político internacional”, como a própria Guerra Fria. Scowen (2003, p. 73) defende que “a guerra fria obscurecera o grande programa imperialista da América”.

O egoísmo emergiu e no início da década de 1970 este vinha acompanhado da cobiça (trabalhar para consumir, para acumular bens). Depois da crise do petróleo, o individualismo passou a ser entendido como uma questão de sobrevivência, uma vez que as pessoas sentiram-se obrigadas a se empenhar na manutenção do seu emprego e sustento (MARCOLIN, 2017).

Essas pressões sofridas pela sociedade foram interpretadas pela banda Pink Floyd enquanto instrumentos que corrompem os indivíduos e os afastam de sua verdadeira essência, o que foi retratado em seu álbum *The Dark Side Of The Moon*^{vi}. Em 1970, a banda passa a ser reconhecida pelo novo subgênero do rock, o progressivo. “Na década de 1970, todos amavam o Pink Floyd” (REISCH, 2010, p. 19). Em 1970 lançam *Atom Heart Mother*^{vii}; em 1971, *Meddle*^{viii}, com a canção *Echoes*^{ix} de 23 minutos e; em 1972, *Obscured By Clouds*^x. Outra particularidade do rock progressivo, é a abordagem conceitual. É neste apelo que, por concepções diversas, a banda inaugura os quatro (04) discos mais conceituados de sua carreira: *The Dark Side Of The Moon* (1973), *Wish You Were Here* (1975), *Animals* (1977) e *The Wall* (1979)^{xi} (MARCOLIN, 2017).

Diante do exposto, percebem-se mudanças paradigmáticas significativas ocorridas entre uma década e outra. Se nos anos 1960 prevalecia o sentido de pensar coletivamente e lutar pela igualdade e paz para todos(as), nos anos 1970 as pressões econômicas, sociais e políticas tornaram as pessoas gradativamente individualistas, gananciosas e desesperançosas (MARCOLIN, 2017), o que foi representado nas letras e nos discos de grupos de rock da época. Desta forma, na próxima seção analisa-se a poética de partes da letra *Another Brick In The Wall*, da Banda Pink Floyd para compreender teoricamente algumas de suas simbologias.

4 *Another brick in the wall*: análise a partir da abordagem tradicional de ensino

Another Brick In The Wall, com três minutos e cinquenta e nove segundos é a mais conhecida canção não só do álbum *The Wall*, como da própria banda Pink Floyd. Ela narra a história de Pink (integrante da banda Roger Waters e compositor da música) na sua fase da

adolescência. A letra está classificada em três (03) partes. Na seção um, Pink retrata a perda dolorosa de seu pai. Na parte dois aborda a sua relação com seu professor ortodoxo e insensível e na última parte trata de seu isolamento.

Em relação à parte dois, muitos pensam que a música emite um juízo ao sistema educacional da época, quando a preocupação era com a ascensão de regimes autoritários. Queria provocar “certos professores”, aqueles “que machucavam as crianças de todas as formas que podiam”, depreciando suas ações; aqueles que atormentavam e zombavam os alunos, como representa o verso “*No dark sarcasm in the classroom*”^{xii}, que incitava a extinção do pensamento crítico (MARCOLIN, 2017).

Apesar de não tratar especificamente da concepção de ensino tradicional^{xiii}, Pink era estudante nos fins da década de 50 de uma escola tipicamente inglesa e conservadora em seus costumes e, portanto, o trabalho educativo era guiado por tal proposição. Bordenave (1984) marca a abordagem tradicional também como “pedagogia da transmissão”. Libâneo (1982) denomina essa corrente como sendo uma pedagogia liberal em sua versão mais conservadora. Mizukami (1986) enfatiza que a abordagem tradicional não se respalda implícita ou explicitamente em teorias empíricas, mas em uma prática educativa que perdura no decorrer do tempo, nos diversos modos, sendo referencial para as demais perspectivas que a acompanharam.

O ensino, em todas as suas formas, nessa abordagem, será centrado no professor. Este tipo de ensino volta-se para o que é externo ao aluno: o programa, as disciplinas, o professor. O aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores (MIZUKAMI, 1986, p. 08).

Mizukami (1986) sublinha que a abordagem tradicional é constituída pela concepção da educação como um produto, na qual os modelos já são pré-estabelecidos. É apenas transmissão de ideias organizadas e selecionadas em diferentes formas e a escola passa a ser uma agência sistematizadora de cultura complexa.

O ensino e a aprendizagem necessitam seguir os objetivos educacionais obedecendo a sequência lógica dos conteúdos, prevalecendo as aulas expositivas. Todo o ensino está pautado na repetição e na magistrocêntrica (LIBÂNEO, 2008), com proeminência nos alunos serem ‘instruídos’ e ‘ensinados’ pelo professor. Todo o processo de ensino tem um modelo a ser adotado, e que cabe ao aluno seguir rigidamente (MIZUKAMI, 1986).

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

O ensino configura-se assim, pela transmissão do patrimônio cultural e pela confrontação com modelos e raciocínios elaborados. Aebli (1978) evidencia que condiz a uma metodologia ancorada reiteradamente em aula expositiva e demonstrações do professor à classe, tomada quase como auditório. “A classe tradicional é um espaço orientado segundo um eixo de trás para diante. Na frente o mestre empoleirado em seu estrado, que lhe permite ver cada um, e dispondo do quadro negro sobre o qual se inscreve a verdade” (CHARLOT, 1976, p. 164).

O professor aborda o conteúdo pronto e o aluno, com baixo nível de interação, limita-se a escutá-lo passivamente. A didática tradicional quase pode ser resumida como “dar a lição” e em “tomar a lição”. Segundo Luckesi (1999, p. 154):

A Pedagogia tradicional centra os procedimentos de ensino na exposição dos conhecimentos pelo professor; geralmente, exposição oral. A proposta metodológica da Pedagogia tradicional é dirigir o educando para a sua formação intelectual e moral, tendo em vista, no futuro, assumir a sua posição individual na sociedade, de acordo com os ditames dessa sociedade. Para traduzir essa perspectiva metodológica, o direcionamento autoritário da formação do educando é fundamental e os procedimentos de exposição oral dos conteúdos e a exortação moral são os meios disponíveis mais eficientes para cumprir tais ditames.

Neste caso, a figura central da escola tradicional é o professor que se comporta com dureza e severidade de um regime militar perante os estudantes. Ele, como um verdadeiro ditador, transmite o conteúdo pré-ajustado aos alunos que, passivamente, têm de repetir e internalizar mecanicamente e sem reflexão. O professor nesta posição julga-se com poderes legítimos para executar punições (MOMM, 2020).

A autoridade do professor é uma consequência [SIC] da natureza do cultural, não uma causa da primeira. Na realidade professor e alunos estão todos engajados na hierarquia da cultura, mas em diferentes planos e distâncias diferentes. É porque a autoridade do professor pode não ser humilhante: é possível, ou melhor, é essencial, e isso desde o início da escolaridade, que os alunos sejam levados a sério, tratados com respeito – visto que se trata de fazê-los partilhar de uma alegria (SNYDERS, 1988, p. 224).

Para Mizukami (1986), na abordagem tradicional a missão do professor é caracterizada por ser “catequética e unificadora da escola”. Dito de outra forma, é o que transmite o conhecimento acumulados por meio dos anos, um ser ativo que predomina a

autoridade. A atuação do professor em sala de aula ocorre independente dos interesses ou das necessidades dos alunos em relação ao conteúdo das unidades curriculares.

Evidencia-se esses traços comportamentais no refrão da música: *“When we grew up and went to school; There were certain teachers who would; Hurt the children in any way they could; (oof!); By pouring their derision; Upon anything we did; And exposing every weakness; However carefully hidden by the kids”*^{xiv}. Constata-se neste trecho que a relação aluno-professor funda-se no saber e poder do professor sobre o aluno e a afetividade constrói-se na relação de submissão e no sentimento de hostilidade, do aluno ao professor (MOMM, 2020).

Esses educadores impõem uma opressão (FREIRE, 2010) e doutrinação, passando a controlar o pensamento dos alunos de acordo com os seus interesses (MARCOLIN, 2017), e por essa razão eles cantam *“We don't need no education/We don't need no thought control”*^{xv}. Weinstein (2010, p. 103), alude que “[...] o ‘controle de pensamento’ da escola (Another Brick In The Wall Part 2) substitui as crenças individuais da criança por visões alheias e padronizadas”. Neste caso, os estudantes têm a finalidade de serem um mero depositário de conhecimentos, passivos, sem direito a voz (MIZUKAMI, 1986) e com sentimento de redução. Ao aluno reserva-se o papel de receptáculo, “[...] a criança é simplesmente o indivíduo cujo amadurecimento a escola vai realizar; cuja superficialidade vai ser aprofundada; e cuja estreita experiência vai ser alargada. O papel do aluno é receber e aceitar. Ele o cumprirá bem, quando for dócil e submisso” (DEWEY, 1967, p. 46).

O canto desarmonioso dos estudante declara a revolta e a condição de controle de raciocínio e de pensamento aos quais são submetidos, em concordância com o verso: *“We don't need no education/We don't need no thought control/No dark sarcasm in the classroom/Teachers, leave them kids alone/Hey! Teacher! Leave them kids alone!/All in all, you're just another brick in the wall”*^{xvi}. Este controle mental é empreendido de modo planejado (MARCOLIN, 2017), especialmente para conter os movimentos da época.

Reisch (2010), em seu livro *“Pink Floyd e a Filosofia: Outra razão”*, ilustra os motivos da doutrinação ser difundida na educação. O autor entende que a educação ao controlar o raciocínio dos estudantes, deixando-os dependentes e acríticos, detém o poder e consegue manter os seus interesses. Reisch (2010, p. 101) alerta que quando as pessoas “[...] pensam

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

por elas próprias não podem ser forçadas a obedecer suas ordens, principalmente quando estas são irrevogáveis”.

Ao ter seu pensamento controlado, o ser humano não questiona, problematiza e/ou critica e, por conseguinte, torna-se uma isca de fácil manipulação e de servir a alguém, ao sistema ou ao governo. Por conseguinte, torna-se alheio dos seus sonhos e das suas vontades, afastando-se da sua natureza e essência, bem como desconectado de si mesmo (MARCOLIN, 2017). Logo, o indivíduo pensa e faz o que os outros almejam. Ao passo que seus desejos não são realizados, julga-se inoperante. O sentimento negativo ganha força, são como “[...] pedras que nos levam para baixo e, por fim, conduzem-nos até nossa desunião infinita” (WEINSTEIN, 2010, p. 114).

Na perspectiva dos autores da música evidencia-se a comparação da escola com uma fábrica, sob a supervisão do professor que figura no papel de um rígido capataz adestrador. Os alunos que passaram por esse processo educacional, ou seja, de opressão e alienação, sendo impedidos de exercerem sua criatividade, sua liberdade de expressão e suas identidades próprias, estariam aptos para perpetuar a construção da mesma sociedade, sendo apenas mais um tijolo no muro (MOMM, 2020). Gonçalves Filho (2010, p. 187) postula que a humilhação “[...] é um fenômeno ligado a dominação”.

Destaca-se que passados mais de 40 anos, as gerações atuais ainda identificam-se com a música *Another Brick In The Wall*, pois a reestruturação produtiva e o fenômeno da globalização, não vieram para mudar a lógica da escola/fábrica. Verifica-se contradições que impactaram em reformas na educação impondo às escolas os ideais mercadológicos, ou seja, à formação para o mercado de trabalho e à inscrição na lógica utilitarista. A função da escola, então, passa a ser “formar sujeitos com habilidades e competências para gerar seu próprio emprego e suas condições de consumir, concorrer, ou seja, sujeitos participativos da vida da atualidade” (LOUREIRO, 2013, p. 115).

Como descreve a música analisada, a escola continua como uma fábrica produzindo/(de)formando pessoas em massa para serem os “tijolos no muro”. Nesse sentido, concorda-se com o pensamento do sociólogo Christian Laval (2004), que em sua obra “A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público” procura desvelar as relações ocultas entre educação e mercado, gestão escolar e objetivos econômicos, desvalorização dos professores e valorização de tecnologias, a fim de explicitar que, embora o discurso oficial seja notoriamente humanista e manifestar inquietação com

os caminhos do educandário, na realidade, buscam aperfeiçoar a relação custo/benefício da escola pública. O autor ainda salienta o empenho dos governos na oferta de educação pública, de qualidade e gratuita para mais alunos, ao mesmo tempo, e de maneira menos dispendiosa possível. Porém, para dar conta deste objetivo, o autor apresenta ações governamentais pautadas nas relações de gestão de metas advindas da administração empresarial para a administração escolar, o que implica em prosseguir com o ensino tradicional. Ainda, “Milhões de alunos estão submetidos a modelos engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes” (MORAN, 2012, p. 08).

Destarte, nos últimos versos da música, revela-se um pedido de que os professores se afastem dos alunos, mas é uma solicitação para que a educação se paute no pensamento livre, promovendo um coletivo de sabedorias e de consciências. Detmer (2010, p. 102) alude que “[...] na realidade, de acordo com Pink Floyd, umas das chaves para lutar com sucesso contra as pressões alienantes da vida moderna está na inversão desses julgamentos de valor”. Ainda, Nascimento (2009, p. 07) faz uma crítica a metáfora do tijolo, da letra de *Another Brick In The Wall*, afirmando a necessidade de considerar todos que integram o espaço escolar:

Todos os tijolos de qualquer edificação estão em contato uns com os outros. Todos necessitam uns dos outros - como nós precisamos uns dos outros. Quando nós começamos a brigar, a discutir, a esquecer os valores morais, a desrespeitar, a medir ou até retirar nosso amor uns dos outros, o que é que acontecerá? Surgirão pequenas rachaduras em pontos diferentes da estrutura, a parede começará a ceder, a perder estabilidade e, irremediavelmente, alguns tijolos começarão a cair e em pouco tempo toda a construção vem abaixo. Mas, por lado [SIC], se colocarmos uma argamassa forte e pura; a edificação pode resistir a qualquer grito de anarquia e/ou atitudes rebeldes.

Ressalta-se que este referencial retrata e analisa a teoria tradicional na educação, da mesma maneira que reafirma que “Na prática docente, muitas vezes somos levados a rever conceitos relacionados com o conteúdo ou métodos empregados, os quais temos, em parte ou completamente, que negar e reconstruir” (MOMM, 2020, p. 09). Dessa forma, as práticas pedagógicas, a partir de sua intencionalidade requerem manter ou (re)inventar os *modus operandis* do ensino, sendo esta uma das marcas específicas (ENZWEILER, 2017) que particulariza o espaço e tempo escolar e determinam as expectativas educacionais. Isso pode constituir um estreito que permite “[...] a produção de novas relações entre

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

estudantes e estudo. Relações que apontem antes para o pensamento que para a tarefa” (SANCOVSCHI; KASTRUP, 2013, p. 201).

5 Considerações finais

Ao longo das considerações empreendidas neste texto, procurou-se problematizar a conjuntura histórica dos anos 1960 e 1970 que pautaram a elaboração da letra Another Brick In The Wall. Ainda, a partir desta letra da música, compreender a poética envolvida e contribuir com as investigações no campo educacional. Por meio das análises conclui-se que a abordagem do processo de ensino e aprendizagem da escola tradicional ainda sobrevive, de forma reeditada, e que tem como fundamento a transmissão de conteúdos, independente do interesse do aluno, valorizando uma formação individualista que não problematiza e não questiona a realidade social.

É inegável que a música Another Brick In The Wall permanece carregada de sentido na atualidade, pois, exemplifica todos os atributos de uma escola que não leva em consideração as emoções, as divergências culturais e sociais e nem a afetividade dos alunos, sequer o diálogo e a reflexividade sobre o que está sendo aprendido. Seja no contexto da elaboração da letra da música ou no atual momento, as finalidades e a perversidade em certas instituições conservam-se as mesmas.

Embora os discursos sejam que as reformas educacionais trazem mudanças e melhorias da qualidade do ensino, identifica-se uma grande falácia, já que os elementos que compõem a escola/fábrica ainda estão impregnados de forma sutil, mas persistente, especialmente quando a instituição escolar se vê descaracterizada e obrigada a renunciar a formação humana integral em prol da preparação para o mercado de trabalho.

Apesar de não ter sido estudado o clipe da música, sabe-se que a desumanização dos alunos, é representada quando todos os estudantes são enfileirados e jogados em uma máquina, na qual o produto final é mais um tijolo que metaforicamente compõe a construção de uma sociedade planejada que serve aos ideais capitalistas da classe dominante. Assim, entendeu-se que esta canção retrata fundamentos de uma escola que não se quer e não se deve perpetuar. Ainda, trouxe à luz a representação que muitos ainda têm do ambiente escolar, sendo o reflexo de uma escola prosaica e, por vezes, autoritária, que não contribui verdadeiramente para a formação de um cidadão atuante na sociedade.

A produção artística como expressão do conhecimento humano ajuda a entender e explicar as relações sociais, nesse sentido, a música Another Brick In The Wall continua

sendo um convite à reflexão crítica não somente em relação à escola, mas à própria sociedade. Depois de mais de quatro décadas a trajetória de Pink continua provocando os alunos a sair da passividade e assumir o protagonismo de suas histórias. Para que ocorra mudança na visão educacional retratada na música, é necessário repensar e, consequentemente, enveredar e alterar os métodos e as estratégias utilizadas, bem como reconstruir a imagem da escola como formadora de seres com pensamento crítico.

Ademais, assume-se que este trabalho apresenta algumas sínteses conclusivas e que são apenas uma das muitas possibilidades de interpretação possíveis. Por conseguinte, visto as limitações, sugere-se que outras investigações sejam realizadas para o aprofundamento teórico-prático da temática em tela, como por exemplo atrelar nas análises o estudo do clipe da música Another Brick In The Wall.

Referências

- AEBLI, Hans. **Didática Psicológica**. São Paulo: Nacional, 1978.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASTOS, Gustavo. **Swinging London**. 2017. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/colunas/swinging-london>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BORDENAVE, Juan E. Dias. A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes. **Revista de Educação AEC**, n. 54, p. 41-45, 1984.
- CASTAMAN, Ana Sara; TOMMASINI, Angélica. Abordagem humanista: considerações sobre uma escola de ensino fundamental. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 30, p. 1-17, Set./Dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3481>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1976.
- DETMER, David. Arrastado pela pedra: Pink Floyd, alienação e as pressões da vida. In: REISCH, George A. **Pink Floyd e a filosofia**: cuidado com esse axioma, Eugene! São Paulo: Madras, 2010.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

Abordagem educacional tradicional: uma leitura a partir de “another brick in the wall” da banda Pink Floyd

ENZWEILER, Deise Andréia. Intencionalidade pedagógica: relações entre ensinar e aprender. In: LOUREIRO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos (org.). **Inclusão e aprendizagem:** contribuições para pensar as práticas pedagógicas. Curitiba: Appris, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos:** do mito de Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro, Ediouro, 2007.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, Beatriz de Paula. **Orientação à queixa escolar**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. cap. 8, p. 187-221.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Planta, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista da Ande**, n. 06, p. 11-19, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública:** A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LOUREIRO, Carine Bueira. Inclusão digital e governamentalidade. In: FABRIS, Elí T. Henn; KLEIN, Rejane Ramos (org). **Inclusão e Biopolítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

MARCOLIN, Cecília Regina. **Somos Mais um Tijolo no Muro:** Uma análise do álbum The Wall, da Banda Pink Floyd. 2017. 81f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2017.

MARINHO, Havana Alicia de Moraes Pimentel. Estados Unidos: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 01-10, jan./jun. 2010. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/753/469>. Acesso em: 22 jan. 2021.

MEURER, Flávio Roberto. **Televisão e racionalização do cuidado infantil:** o programa Supernanny como mediação da incerteza sobre a infância. 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 15 maio 2009.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino:** as abordagens do processo. 1. ed. São Paulo: livro, 1986.

MOMM, Ricardo. **Uma leitura psicopedagógica da música: Another Brick in the Wall Part II.** 2020. Disponível em: <https://www.iee.sed.sc.gov.br/documentos/publicacoes/18-uma-leitura-psicopedagogica-da-musica-artigo-pink-floyd-ricardo-momm/file#:~:text=Em%20primeiro%20lugar%2C%20esta%20m%C3%BAsica,fins%20da%20d%C3%A9cada%20de%2050.&text=Ao%20desviar%2Dse%20percebe%20que,mandando%2Do%20para%20a%20escola.> Acesso em: 28 nov. 2020.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, S.P. Papirus, 2012.

MOURA, Auro Sanson. **Música e construção de identidade.** 2007. Disponível em: http://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/poster_educacao_musical/poster_edmus_ASMoura.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

NASCIMENTO, Alex Sandro Alves do. As relações de poder na escola: o canto da contestação na música another brick in the wall, de Pink Floyd. In: ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL CIDADANIA CULTURAL: DIÁLOGOS DE GERAÇÕES. Campina Grande, Editora EDUEPB, 2009.

SANCOVSCHI, Beatriz; KASTRUP, Virgínia. Práticas de estudo contemporâneas e a aprendizagem da atenção. **Psicologia & Sociedade**; Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 193-202, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/21.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SCOWEN, Peter. **O livro negro dos Estados Unidos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Áurio Lúcio Leocadio da. **Consumo de produtos culturais em São Paulo: Uma análise dos fatores antecedentes e proposta de modelo.** 2008. 210 p. Tese - (doutorado) Programa de pós-graduação em administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Franco Santos Alves da. **O lado escuro: narrativas distópicas na obra do Pink Floyd (1973-1983).** 2018. 477p. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SNYDERS, Georges. **Alegria na sala de aula.** São Paulo: Manole Editora, 1988.

PINK FLOYD. **The Wall.** Produzido por David Gilmour; Bob Ezrin; Roger Waters. CBS NBW York. Sony Music. LP 128170-71, 1979.

REISCH, George A. Os vermes e o muro: Michel Foucault e Syd Barrett. In: REISCH, George. **Pink Floyd e a filosofia: cuidado com esse axioma, Eugene!** São Paulo: Madras, 2010.

TREECE, David. A flor e o canhão: a bossa nova e a música de protesto no Brasil (1956/1968). **História, Questões e Debates.** v. 17, n. 32, p. 121-165, jan./jun. 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

WEINSTEIN, Deena. Roger Waters: artista do absurdo. In: REISCH, George A. **Pink Floyd e a filosofia: cuidado com esse axioma, Eugene!** São Paulo: Madras, 2010.

Notas

ⁱ A parede (tradução nossa).

ⁱⁱ Um tijolo na parede (tradução nossa). Essa tradução não será realizada no restante do texto.

ⁱⁱⁱ Termo alemão para a dietilamida do ácido lisérgico.

^{iv} Ei, ei, LBJ, quantas crianças você matou hoje?

^v Termo que foi criado em uma edição especial da revista semanal norte-americana *Time*, em abril de 1965, designava um cenário de forte efervescência cultural, sobretudo de moda e música, que surgia na Londres da segunda metade da década de 1960 (BASTOS, 2017).

^{vi} O lado escuro da lua (tradução nossa).

^{vii} Disco da vaca (tradução nossa).

^{viii} Intrometer-se (tradução nossa).

^{ix} Ecos (tradução nossa).

^x Obstruído por nuvens (tradução nossa).

^{xi} O lado escuro da lua (1973), Gostaria que estivesse aqui (1975), Animais (1977) e A parede (1979) (tradução nossa).

^{xii} De nenhum humor negro na sala de aula (tradução nossa).

^{xiii} Embora exista outras linhas de pensamento e concepções do processo de ensino e aprendizagem e destas serem escopo de estudo de inúmeros autores (CASTAMAN; TOMMASINI, 2020), alude-se neste texto sobre a tradicional.

^{xiv} Quando crescemos e fomos à escola; Havia certos professores que; Machucariam as crianças da forma que eles pudessem; (oof!); Despejando escárnio; Sobre tudo o que fazíamos; E os expondo todas as nossas fraquezas; Mesmo que escondidas pelas crianças (Tradução nossa).

^{xv} Nós não precisamos de nenhuma educação/Nós não precisamos de nenhum controle (Tradução nossa).

^{xvi} Nós não precisamos de nenhuma educação/Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral/De nenhum humor negro na sala de aula/Professores, deixem as crianças em paz/Ei! Professor! Deixe as crianças em paz! Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro (Tradução nossa).

Sobre as autoras

Ana Sara Castaman

Doutora em Educação, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Mestre em Educação nas Ciências, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Especialista em Mídias na Educação, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Graduada em Psicologia pela UNIJUÍ. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Professora permanente do ProfEPT. E-mail: ana.castaman@sertao.ifrs.edu.br. ORCID: 0000-0002-5285-069

Karina Franco

Especialista em Direito e Processo do Trabalho, pela Faculdade Meridional (IMED); Graduada em Direito, pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Básica e Profissional, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Pós-graduanda em Teorias e Metodologias da Educação pelo IFRS. Advogada. E-mail: karinafrancovm@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-6265-5569

Priscilla Christina Franco

Especialista em Direito Municipal, pela Univeridade de Passo Fundo (UPF); Graduada em Direito, pela UPF; Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Básica e Profissional, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Pós-graduanda em Teorias e Metodologias da Educação pelo IFRS. Advogada. E-mail: priscillachristina@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-3710-4324

Recebido em: 27/01/2021

Aceito para publicação em: 12/03/2021